

Aumenta o ritmo do crescimento

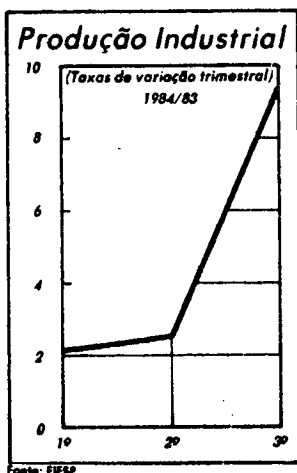
Economia - Brasil

por José Casado
de São Paulo

É surpreendente o ritmo de avanço da produção da indústria e das vendas do comércio nesta segunda etapa do ano. Desde a virada do semestre, o impulso nos negócios, a cada mês, vem ocorrendo em escala muito superior às mais otimistas projeções feitas pelos industriais e comerciantes.

Um levantamento recém-concluído pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) sobre o desempenho da indústria paulista no terceiro trimestre define os contornos desse quadro: a produção industrial evoluiu à média de 2,4% nos dois primeiros trimestres e saltou para a taxa média de 9,4% no terceiro trimestre.

Trata-se de uma mudança muito expressiva. "O ritmo de crescimento da indústria passou para um patamar bastante elevado em relação ao que se verificava nos seis primeiros meses do ano", nota Eugênio Staub, diretor da FIESP.



O indicador da evolução das vendas reais — para muitos, mais preciso que o da produção — confirma essa transformação. Nos dois primeiros trimestres as vendas subiram à média de 1,15%; no terceiro trimestre a média passou para 6,8% reais. "A recessão ficou às nossas costas, é coisa do passado", observa Staub.

Do lado do comércio, a tendência de crescimento

também se mantém firme e em nível até então não imaginado pelos empresários. Segundo a Federação do Comércio de São Paulo, o mês de outubro foi marcado por um crescimento real de 18,9% nas vendas, em relação a igual mês de 1983 — a maior taxa mensal alcançada neste ano. "Ninguém esperava por isso", disse Abraham Szajman, presidente da entidade, ao repórter Lázaro Evair de Souza.

Os empresários, tradicionalmente, tomam a evolução das vendas do comércio e do nível de emprego industrial como base para uma antevisão do desempenho desses setores produtivos nos trinta dias seguintes. Em outubro, a FIESP computou a recontração de 14,5 mil trabalhadores no parque industrial paulista, o que significa que, apenas nesse mês, se concentrou 11,7% do total de operários recontraídos neste ano (84 mil).

Esses indicadores levam empresários como Staub e Szajman à crença de que a evolução do Produto Interno Bruto (PIB), neste ano, deverá ser maior que a prevista no primeiro semestre (entre 1 e 2%).

É, também, a impressão dominante no governo federal. Uma alta fonte da Secretaria do Planejamento (Seplan) observava a este jornal, na quarta-feira, que o PIB de 1984 pode chegar a 5%. E esse processo de reativação econômica tornou-se "auto-sustentável" no tempo — em fevereiro há a tradicional recomposição de estoques, o que garante uma inércia da reativação, pelo menos até março. Assim, é provável que, no próximo ano, o PIB atinja a marca dos 7%, "sem prejudicar o avanço das exportações, o que é mais importante", acrescentou.

O avanço do PIB, neste ano, será baseado na indústria, comentou Jessé Montello, presidente da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (FIBGE), à repórter Vera Saavedra Durão, no Rio. Montello estima que o setor industrial evoluirá entre 6 e 7% até dezembro. A Fundação Getúlio Vargas, responsável pelo cálculo do PIB, reze suas estimativas e, agora, trabalha com uma previsão de 4% para este ano.

(Ver página 3)